

Contribuição de Godelier para a Antropologia econômica

MARÍLIA DE CARVALHO KRAEMER*

Maurice Godelier representa um marco para a Antropologia Econômica. Seu trabalho é muito importante porque propõe nova orientação que reaviva os caminhos da Antropologia, dando-lhe novo significado, trazendo contribuições valiosas para o conhecimento da sociedade humana.

O presente trabalho está basicamente dividido em três partes: Inicialmente, trataremos de como Godelier coloca a Antropologia Econômica, qual sua definição; a sua crítica às outras definições; como vê a instância econômica nas sociedades e qual a sua proposição para a Antropologia Econômica. Na segunda parte, vamos procurar nos deter num aspecto a que Godelier dá suma importância, isto é, o aparecimento das desigualdades sociais, a passagem da sociedade sem classes para a sociedade de classes, enfatizando nesta parte seus estudos sobre o modo de produção asiático. Numa terceira parte do trabalho, escrevemos sobre a metodologia que Godelier propõe para a Antropologia Econômica, ou seja, como a Antropologia deve agir para atingir os objetivos propostos por ele.

I

Godelier nos dá três definições do econômico¹. A primeira seria aquela definição formal, onde a economia é tida como a ciência que estuda o comportamento humano como uma relação entre fins e meios raros que tem usos alternativos.

Vários antropólogos adotaram esta definição para o estudo da economia das sociedades primitivas, entre eles, Herskovits, Firth, Salisbury, Goodfellow, etc. Godelier critica a posição destes antropólogos, porque é uma definição elaborada para o estudo da economia ocidental, que não se aplica ao estudo de povos primitivos, uma vez que há uma diferença de natureza e não de grau entre as economias primitivas e a economia ocidental. Estes antropólogos, ao adotarem a definição formal de economia, passam a procurar nas sociedades primitivas os elementos que são próprios da economia capitalista. Encontram, então, equivalentes para capital, moeda, crédito, etc.

Godelier critica as noções de escassez e de necessidades ilimitadas, que dão embasamento ao formalismo, mostrando que nem sempre são estes os elementos motores de uma economia. Dá vários exemplos onde a terra não é escassa, os instrumentos não são escassos, onde há uma limitação das necessidades. Estas necessidades ilimitadas ocorrem na sociedade capitalista, como característica

(*) Professora de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

deste tipo especial de economia, onde há um incentivo ao consumo crescente, como forma de incentivar a produção, fonte de criação de riqueza.

Godelier faz uma crítica também à própria definição formalista da economia. Ela não se presta não só para o estudo das economias primitivas, mas não é adequada também para o estudo da economia ocidental. A relação entre fins e meios alternativos para uma ação racional é criticada porque, neste tipo de raciocínio, qualquer ação pode ser considerada econômica, desde que faça o cálculo economizante, onde o indivíduo procure minimizar os meios para maximizar os fins, como por exemplo, a busca do prazer, do poder ou da salvação. Não há distinção, portanto, entre a atividade econômica e outra atividade qualquer.

Esta definição detem-se apenas ao nível do intencional das relações sociais, mas não alcança o inintencional que é aquilo que a ciência deve procurar. Assim, nas críticas que Godelier faz à noção de capital para a economia formalista, ele mostra que este é visto como um elemento de relação entre as coisas: "capital é tudo que pode crescer por si mesmo", "é dinheiro utilizado para fazer riqueza" etc. Estas noções obscurecem o aspecto mais importante, que não está no nível da aparência, mas está no nível inintencional. O capital é visto por Godelier como uma relação social, entre os homens e não entre coisas. É um fato social, que supõe a existência de certas relações sociais e de uma estrutura social particular, que permita com que este capital se realize.

Não existe, portanto, uma racionalidade econômica que encontre na racionalidade da economia ocidental o seu modelo geral, mas a racionalidade econômica é histórica, é específica para cada povo, para cada sociedade, e à Antropologia cabe desvendar os aspectos inintencionais das economias dos povos, que estudam para chegar a uma teoria geral dos sistemas econômicos.

A segunda definição, entendo por economia de uma sociedade as formas e as estruturas sociais da produção, da distribuição e da circulação dos bens materiais que caracterizam esta sociedade. Esta definição é adotada por Godelier no texto "Racionalidade dos Sistemas Econômicos", onde ele apenas acrescenta o aspecto dos serviços que esta segunda definição não considera "... o econômico pode ser definido como a produção, a repartição e o consumo de bens e serviços"². Ele faz uma ressalva que não se trata de todo o tipo de serviços, pois, senão cairia no mesmo erro da definição formalista, onde toda ação social é economizante. Godelier acha importante destacar os serviços, que esta segunda definição não considera,

mas explica que é um aspecto específico de serviço que pertence ao econômico e não a toda a produção de serviços da sociedade. Ele faz esta ressalva para não cair na mesma impotência da teoria formal.

Esta segunda definição tem sido chamada de definição substantivista da economia e encontra, entre os antropólogos Dalton e Polanyi, seus representantes principais. Godelier não considera falsa esta definição, porém acha-a insuficiente. Uma das suas críticas à definição substantivista, já referida aqui, é quanto ao aspecto dos serviços que está excluído da definição. Outra é a colocação de Polanyi, com respeito à autonomia que tem a esfera econômica na sociedade ocidental. Polanyi vê a economia ocidental como um aspecto autônomo das outras esferas da sociedade, está desincrustada das outras esferas da sociedade (disembedded), é uma economia regida por leis próprias. Por outro lado, nas sociedades primitivas não há autonomia da esfera econômica, ela faz parte das outras relações sociais, está incrustada no parentesco ou nas relações político-religiosas. A economia das sociedades primitivas é "Embedded". Godelier critica, porque esta idéia de "disembedded" sugere uma ausência de relação interna entre o econômico e o não-econômico, quando em toda a sociedade existe essa relação³.

Uma colocação importante de Godelier com relação às duas definições é que ambas são empiricistas, ou seja, ambas afirmam que as coisas são tal como aparecem. "As duas correntes estão de acordo sobre as teses essenciais da economia política não-marxista e sobre as definições "empíricas" das categorias de valor, preço, salário, benefício, renda, juro, acumulação, etc."⁴

Eles, portanto, não procuram aquilo que Godelier considera a chave para o conhecimento científico, o nível inintencional das ações dos homens, os resultados inintencionais de sua atividade social. A diferença entre o formalismo e o substantivismo é que o segundo não admite a aplicação dos elementos da economia de mercado para o estudo das sociedades primitivas. O substantivismo, porém, acha válida a teoria formalista para o estudo da economia capitalista, de mercado. É, portanto, também empiricista.

Marx vai além do nível das aparências no estudo da economia capitalista e procura desvendar o inintencional das relações sociais, baseado no estudo das relações de produção.⁵

É assim que Godelier chega a propor, para a Antropologia Econômica, um estudo encaixado ao desenvolvimento do materialismo histórico, donde tira a sua terceira definição do econômico.

Esta terceira definição é justamente o que Godelier propõe como campo de estudo para a Antropologia Econômica. Ele propõe analisar e explicar as formas e estruturas dos processos da vida material das sociedades, com a ajuda dos conhecimentos elaborados por Marx de modo de produção e de formação econômico-social.

Para Godelier, a análise dos diferentes modos de produção deve desenvolver-se de tal forma que:

“1. se investigue e descubra, além de sua lógica aparente e visível, uma lógica subjacente, invisível;

2. se investigue e descubra as condições estruturais e históricas de seu aparecimento, de sua reprodução e de seu desaparecimento na história.”⁶

Torna-se necessário esclarecer o que Godelier entende por modo de produção e por formação econômico-social. Por modo de produção, ele entende a combinação das forças produtivas e relações de produção, que determinam as formas e o processo de produção e da circulação dos bens materiais. Esta combinação deve ter, em sua estrutura, mecanismos que garantam a reprodução do modo de produção. O modo de produção é uma reconstrução feita pelo pensamento científico. É uma realidade que não está dada empiricamente, é preciso que o cientista a construa.

Muitas vezes uma sociedade concreta é constituída sob a base de vários modos de produção, quando se combinam elementos de um modo de produção antigo com elementos de um modo de produção novo, que freqüentemente subordina o antigo. Nestes casos, ocorre o que Godelier chama de formação econômico-social, ou seja, a articulação de dois modos de produção, com a dominância de um deles.⁷

Para que seja possível este tipo de estudo que Godelier propõe, torna-se necessária uma reformulação em toda a Antropologia Econômica que passará a procurar, no estudo dos diferentes modos de produção, a determinação de leis gerais das diversas formações econômico-sociais. Estas leis existem e são elas que manifestam as propriedades intencionais das relações sociais para as quais a Antropologia deve estar voltada. A teoria geral dos sistemas econômicos seria a tarefa última da Antropologia Econômica. Para chegar a esta teoria geral é que é importante o estudo dos modos de produção. “É este o conceito maior da Antropologia Econômica. A missão desta é determinar os tipos de modos de produção que subsistem nas sociedades que estudam e que se transformam ao contato e sob a dominação da economia mundial

capitalista. Mas o conceito de modo de produção implica mais do que um estudo da economia destas sociedades. *Na sua ambição teórica última, a Antropologia Econômica visa à descoberta das leis de determinação da vida social pela economia*”⁸

Esta determinação da vida social pela economia tem sido assunto para muita polêmica em Antropologia, especialmente entre os antropólogos formalistas e mesmo os substantivistas, que vêem a esfera econômica como uma esfera autônoma na sociedade ocidental, porém na sociedade primitiva o econômico está apenas associado a outras esferas e desempenha um papel secundário. Neste tipo de explicação, a sociedade primitiva se caracteriza pela determinação de outras esferas que não desempenham nenhum papel econômico, como, por exemplo, o parentesco. A determinação do parentesco nas sociedades primitivas é vista como uma negação daquilo que os antropólogos marxistas pregam, ou seja, a “determinação da vida social pela economia”.

Godelier contesta todas estas argumentações, mostrando que realmente nas sociedades primitivas o parentesco desempenha um papel dominante, porém, que através do parentesco é que a sociedade garante a sua reprodução enquanto tal, e a reprodução de seus membros. As relações de parentesco funcionam como relações de produção, pois é através dele que a sociedade regula quem tem direitos específicos sobre os meios de produção e os produtos do trabalho, define as relações de autoridade e de obediência e serve de código de linguagem simbólica, para expressar as relações dos homens entre si e com a natureza. As relações de parentesco regulam todas as atividades (econômicas, políticas e religiosas), funcionam ao mesmo tempo como elementos da infra-estrutura e como superestrutura. O parentesco possui, pois, uma plurifuncionalidade. “Muito longe de contrair o papel determinante, em última análise, do econômico sobre a vida social, o papel dominante do parentesco em muitas sociedades primitivas e rurais só o confirma.”⁹

O parentesco possui um papel *dominante* nas sociedades primitivas, porém Godelier mostra que o papel *determinante* é do econômico, que o desempenha através das relações de parentesco. “Esta unidade de funções, a correspondência economia-parentesco não implica em confusão na sociedade... Esta pluralidade de funções do parentesco é necessária, devido à estrutura geral das forças produtivas, seu baixo nível de desenvolvimento que impõe a divisão sexual do trabalho e a co-operação dos indivíduos dos dois sexos, para subsistirem e reproduzirem suas condições de exis-

tência".¹⁰

Com o desenvolvimento das sociedades e com o aparecimento do Estado (assunto que desenvolveremos na parte II) o parentesco deixa de ter papel dominante para dar lugar às relações político-religiosas, que passam a desempenhar as relações de produção, mostrando, mais uma vez, que a determinação do econômico não se dá apenas quando esta esfera se apresenta aparentemente "autônoma", como na sociedade ocidental. Também quando o econômico está incrustado em outras relações, estas aparecem como dominantes, porém se procurarmos no nível intencional, encontraremos a determinação das relações de produção, projetadas seja nas estruturas de parentesco, seja nas estruturas político-religiosas.

II

No estudo dos modos de produção, a grande preocupação de Godelier é compreender como se dão as transformações na sociedade, em direção à criação das desigualdades sociais. Godelier procura explicar, através do estudo dos modos de produção, via materialismo histórico, isto é, via determinação, em última instância, das formas e da evolução da sociedade e dos modos de pensamento pelas condições da produção e reprodução da vida material, como se dá a passagem da sociedade sem classes para a sociedade de classes.

Godelier desenvolve mais detidamente esta parte no livro *Horizon, trajets marxistes en Anthropologie*¹¹ se bem que em todos os outros trabalhos ele está sempre se referindo ao aparecimento das desigualdades sociais e à passagem das sociedades sem classes para as sociedades de classes.

É através das relações de produção e do desenvolvimento das forças produtivas que Godelier explica as transformações. Ele dá o exemplo de três sociedades primitivas e como o papel do chefe é importante para o estudo das desigualdades sociais, evidenciando que é na estrutura da repartição que ocorrem estas desigualdades.

No primeiro caso, Trobiand, estudado por Malinowski, Godelier mostra que o chefe não representa um governo central, ele tem apenas poderes mágicos para garantir a produção e reprodução da sociedade. O chefe, neste caso, tem direitos excepcionais sobre o produto do trabalho, mas não tem nenhum controle particular sobre os fatores de produção que são propriedades das linhagens locais.

Em Tikopia, segundo caso, o chefe já possui um controle maior sobre a terra. Ele controla todos os processos de produção, mas participa des-

te processo, trabalhando também. Porém, como em Trobiand, o chefe não representa um governo central. A diferença essencial é que em Tikopia, ao lado do controle da repartição dos produtos, há o aparecimento de um controle direto dos instrumentos de produção e o papel de dirigente das atividades produtivas.

No Havaí, em terceiro lugar, ao contrário, o chefe não trabalha mais. Há uma nítida diferenciação social, o chefe controla todos os meios de produção, o uso do solo, do mar e das águas destinadas à irrigação. Surgem os tabus sobre o uso dos recursos naturais para permitir a sua conservação e a sua acumulação. O chefe supremo dispõe de força coercitiva para punir os infratores. O solo e os fatores de produção não são mais de propriedade dos produtores diretos. Há uma aristocracia que está afastada da produção material. Constitui-se a base para a divisão de classes, na medida em que há apropriação do sobretabalho das comunidades locais e um controle desigual dos fatores de produção. Existe o governo central e o aparecimento de um Estado embrionário.

Analisando estes três exemplos, podemos concluir que as desigualdades se aceleram e dão condições para o aparecimento de classes sociais, quando ocorre a apropriação dos fatores de produção. É a partir desta apropriação que se torna viável também a apropriação do sobretabalho e permite que grande parte da população fique ligada diretamente à produção e uma pequena parte não trabalhe, passando apenas a controlar os meios de produção. Desta forma, tornam-se necessárias as medidas coercitivas que garantam este tipo de exploração, além dos aspectos desenvolvidos pela ideologia que a justificam.

Isto não significa, no entanto, que onde existe produção comunitária não ocorram as desigualdades. Elas podem ocorrer, por exemplo, quando há a redistribuição do produto. No caso da apropriação do produto, surgem também desigualdades, como no exemplo de Trobiand, porém não ocorre a apropriação do sobretabalho dos membros da comunidade, uma vez que o chefe está diretamente envolvido na produção com os outros. Segundo Godelier, quando se passa da apropriação do produto para a apropriação dos fatores de produção, é que surgem as formas de exploração do homem pelo homem. Neste caso, uma minoria social passa a desfrutar definitivamente uma situação privilegiada. É quando ocorrem as condições de passagem ao Estado, o nascimento de uma estrutura de classe dentro de uma sociedade tribal. Passa-se do poder de função para o poder de exploração.

A Antropologia Econômica deve estar voltada para o estudo de todas as combinações possíveis de repartição desigual do produto e dos fatores de produção. "para explorar como se operou a passagem das sociedades primitivas tribais a formas novas de sociedade, que comportam uma estrutura de classe embrionária ou desenvolvida, onde os antigos princípios de reciprocidade e de redistribuição desaparecem ou não desempenham mais o mesmo papel."12

É na procura de uma maior sistematização sobre este assunto, que Godelier desenvolve o estudo do modo de produção asiático. Ele baseia-se nos escritos de Marx sobre o modo de produção asiático. Faz, no entanto, uma ressalva: trata-se de um desenvolvimento do marxismo e não um retorno a Marx, pois muitas de suas idéias estão parcialmente superadas, dada a época em que foram escritas e pelas informações que se têm atualmente. É necessária, portanto, uma elaboração mais desenvolvida de certos conceitos marxistas. Godelier mostra que o conceito de modo de produção asiático de Marx pode ser útil ainda hoje, desde que seja desembaraçado de suas partes mortas. Entre elas Godelier enfatiza especialmente o conceito de despotismo oriental, mostrando que nem sempre o modo de produção asiático se caracteriza pela presença de um déspota. A idéia de Marx da estagnação e miséria, no modo de produção asiático, também é incluída por Godelier entre as partes mortas de sua obra, pois ele mostra que em alguns casos o modo de produção asiático representou o progresso e o desenvolvimento das forças produtivas. O modo de produção asiático não implica, pois, necessariamente em estagnação e despotismo. O papel dominante do parentesco, já discutido neste trabalho, também é novamente colocado por Godelier, nesta parte de suas interpretações sobre o modo de produção asiático. Como explicar o papel dominante do parentesco e o determinante do econômico? Ele mostra como no modo de produção asiático a dominância deixa de ser do parentesco para passar para as relações político-religiosas, sem, no entanto, deixar de ter uma determinação do econômico. "Não é que o parentesco se transforme misteriosamente em relações políticas. É que a função política, presente nas antigas relações de parentesco, se desenvolve sobre a base de novos problemas."13

Passemos agora a uma caracterização do modo de produção asiático, para depois vermos de que forma ele representa a passagem da sociedade sem classes para a sociedade de classes. "A essência do modo de produção asiático é a existência combinada de comunidades primitivas, onde reina a

posse comum do solo, sobre a base de relações de parentesco e de um poder de Estado que exprime a unidade real ou imaginária destas comunidades, controla o uso dos recursos econômicos essenciais e se apropria diretamente de uma parte do trabalho e da produção das comunidades que ele domina."14

O modo de produção asiático, portanto, combina elementos de uma estrutura comunitária com elementos de uma estrutura mais estratificada com um poder centralizado no Estado. É por isso que Godelier considera o modo de produção asiático como uma forma de transição das sociedades sem classes para as sociedades de classes. Ele diz que este modo de produção exprime uma contradição específica, que faz com que a exploração de classes se realize, através de formas comunitárias de propriedade e de posse do solo. O que ocorre é a exploração do homem pelo homem, o aparecimento de uma classe exploradora sem que haja propriedade privada do solo.

Esta exploração se dá muitas vezes através da pessoa do déspota, soberano ou faraó que exercem o poder simplesmente. Porém, outras vezes a exploração se dá em nome de entidades sobrenaturais ou divindades que estão representadas na pessoa do soberano. Desta forma, os membros da comunidade têm que produzir para a sua sobrevivência e ainda realizar um sobretrabalho que é extorquido pelo soberano para suprir as "divindades".15 Neste caso, a produção passa a ser controlada pela instância político-religiosa e é assim que as relações de parentesco transferem às relações político-religiosas o papel dominante. É a transformação gradual do poder de função para o poder de exploração. Esta sociedade representa ao mesmo tempo a última forma de sociedade sem classes, através das comunidades aldeãs, e uma primeira forma de sociedade de classes que possui uma minoria exercendo o poder estatal e realizando a exploração. É o Estado em sua forma embrionária.

Esta é uma contradição que, se for desenvolvida internamente, levará à formação da sociedade de classes. "O modo de produção asiático evoluiria, através do desenvolvimento da sua contradição, para formas de sociedades de classes, nas quais as relações comunitárias têm cada vez menos realidade, devido ao desenvolvimento da propriedade privada."16

Assim, Godelier procura fugir ao evolucionismo unilinear em que muitos caíram (escravismo-feudalismo-capitalismo), mostrando que, se o modo de produção asiático desenvolver suas contradições internas, poderá dar origem a uma sociedade de

classes que seguiu um caminho diferente. Ele propõe a idéia do evolucionismo multilinear, na medida em que mostra que a sociedade de classes não precisa surgir obrigatoriamente do feudalismo.

Outro aspecto discutido por Godelier é sobre a denominação modo de produção "asiático". Ele acha que esta é uma denominação que limita o conceito geograficamente, sendo que ele considera este conceito muito mais amplo, pois desde que ele tenha determinadas características próprias deste modo de produção, ele não precisa ocorrer exclusivamente na Ásia. Ocorre também na África e América Central.

Para Godelier, nem sempre é a necessidade de grandes obras hidráulicas, de irrigação, como o quiseram alguns (Wittfogel, por exemplo) que exigem uma burocracia do Estado e não o condicionaram. Godelier escreve isto ao referir-se ao exemplo dos Incas. Isto não quer dizer que, em alguns casos, a necessidade de grandes obras não tenham realmente levado a uma contradição maior do poder para organizar a produção, como o próprio Godelier escreve: "Uma das razões da passagem ao Estado e da diferenciação em classe dominante e classe rural parece ter sido a necessidade de coordenar grandes trabalhos produtivos e improdutivos, que ultrapassavam a escala das comunidades locais."¹⁷ Este não é um elemento básico que explica o modo de produção asiático. A sua hipótese teórica fornece a possibilidade de esclarecer o aparecimento de uma classe dominante nas sociedades agrícolas que não se baseiam nas grandes obras. Para Godelier o modo de produção asiático, com ou sem grandes obras, teria "uma estrutura comum que combinasse relações comunitárias e embrião de classe, e remetesse a uma situação idêntica de passagem à sociedade de classes."¹⁸

Godelier vê um campo de aplicação para o conceito de modo de produção asiática mais amplo do que Marx e Engels previram. Para Godelier, ele se torna a chave que explica uma das formas de passagem para as sociedades de classes.

III

Não podemos deixar de iniciar esta parte do trabalho, que trata da metodologia proposta por Godelier para o estudo dos modos de produção e a compreensão da passagem das sociedades sem classes para as sociedades de classes, sem antes fazer algumas considerações ao estruturalismo de Lévi-Strauss que, a nosso ver, tem muito em comum com esta parte do trabalho. Não é nosso interesse aqui no caso, aprofundarmo-nos nas idéias de Lévi-Strauss, mas apenas dar uma idéia geral que nos permita depois fazer a comparação.

Para Lévi-Strauss, a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos em conformidade com esta. Assim, os modelos são construções mentais do cientista que tornam manifesta a própria estrutura social. Esta não é reduzida ao conjunto das relações sociais observáveis. Para Godelier, tanto Lévi-Strauss como Marx não vêem as estruturas sociais como realidades diretamente visíveis e observáveis, mas são níveis da realidade que existem fora das relações visíveis dos homens entre si, e cujo funcionamento constitui a lógica profunda do sistema social, a ordem subjacente, a partir da qual se deve explicar a ordem aparente.

As análises estruturais têm, como seu objetivo próprio, os modelos. "Para merecer o nome de estrutura, os modelos devem exclusivamente satisfazer a quatro condições:

Em primeiro lugar, uma estrutura oferece um caráter de sistema. Ela consiste em elementos tais que uma modificação qualquer de um deles acarreta uma modificação de todos os outros.

Em segundo lugar, todo modelo pertence a um grupo de transformações, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos.

Em terceiro lugar, as propriedades indicadas acima permitem prever de que modo reagirá o modelo, em caso de modificação de um de seus elementos.

Enfim, o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados."¹⁹

O que Lévi-Strauss propõe é que se construa um modelo, através do qual se manifeste a estrutura social, modelo este abstrato, que possua a qualidade de invariante, construído por meio das manifestações inconscientes e que seja tão geral quanto possível, a fim de que possa ser aplicado a todas as sociedades humanas.

Ele tenta fazer isto quando trabalha com as estruturas de parentesco e com a análise dos mitos das sociedades primitivas, pois a sua preocupação principal está no estudo das representações e da ideologia, ou seja, no estudo da superestrutura. "É o próprio Lévi-Strauss que afirma que, com seus trabalhos sobre os mitos e o pensamento selvagem, quer contribuir para a teoria das superestruturas, apenas esboçada por Marx."²⁰

Por outro lado, Godelier diz que o estudo da superestrutura deve ser feito a partir do estudo do modo de produção, isto é, deve-se estudar as mitologias e religião a partir da base material da sociedade. Ele critica Lévi-Strauss, dizendo que ele não faz a articulação das estruturas, enquanto que

Marx não tem uma teoria acabada das superestruturas. Godelier propõe então que a Antropologia faça esta articulação e complete o estudo das superestruturas, a partir do estudo dos modos de produção.

Como vimos na primeira parte do trabalho, uma das críticas que Godelier faz ao formalismo e ao substantivismo é a sua orientação empiricista. Ambas as teorias tratam os fatos econômicos apenas na sua aparência, e Godelier mostra que aquilo que realmente interessa não está neste nível, mas deve ser construído pelo cientista a partir do nível intencional das atividades sociais. É esta lógica oculta que deve ser procurada para o estabelecimento das leis. Estas leis existem e não fazem mais que manifestar as propriedades estruturais e intencionais das relações sociais e sua própria hierarquia e articulação sobre a base dos concretos modos de produção.

Para chegar ao conhecimento das leis de um sistema, é necessário realizar o estudo deste sistema. Godelier analisa o econômico como um sistema que seria um conjunto de estruturas ligadas entre si por certas regras (leis). Esta via de explicação é proposta por Godelier, a partir da construção de um modelo formal do sistema econômico. "Um elemento formal comum é um "invariante", o que subsiste através das variedades e variações possíveis do sistema considerado."²¹

É aqui que nós podemos perceber a influência do estruturalismo de Lévi-Strauss, conforme foi colocado acima.

O sistema econômico é visto por Godelier como a combinação de três estruturas — da produção, da repartição e do consumo. "Se o que se produz, reparte e consome depende da natureza e da hierarquia das necessidades de uma sociedade, a atividade econômica está ligada organicamente às outras atividades políticas, religiosas, culturais e familiares que compõem com ela o conteúdo da vida dessa sociedade e às quais fornecem os meios materiais de se realizarem."²²

Esta articulação é que é importante realizar. Godelier vê a articulação entre as estruturas do sistema econômico (produção, repartição, consumo), mostrando como elas estão relacionadas umas às outras e formam uma unidade.²³ Além desta articulação entre as estruturas do sistema econômico, Godelier vê também a articulação do próprio sistema econômico com as outras esferas da sociedade. Esta articulação se dá, porém é o sistema econômico que determina como as outras esferas se realizam, pois, "sob certas condições, o parentesco, a economia ou a religião podem funcionar diretamente como relações de produ-

ção."²⁴

Como ocorrem as transformações através desta via de análise? Como Godelier explica as transformações? Ele diz que a evolução de um sistema pode, em certas condições, desenvolver contradições incompatíveis com a manutenção das estruturas essenciais do sistema e evidenciar os limites das possibilidades de invariância do sistema. Godelier fala na relação "estrutura-acontecimento" "uma estrutura tem a propriedade de tolerar e digerir certos tipos de acontecimento até um ponto e um tempo, onde é o acontecimento que digere a estrutura",²⁵ Quando as contradições atingem um nível que não é mais possível manter a mesma estrutura é que se dá a transformação. Por exemplo, no caso do modo de produção asiático, a que já nos referimos, com o desenvolvimento das contradições internas, não há mais possibilidade de manter as relações comunitárias e a propriedade privada passa a ser a instituição que forma o esqueleto da sociedade. Passa-se assim de uma sociedade sem classes para uma sociedade de classes.

Muitas vezes, pode ocorrer uma falta de correspondência entre estrutura e acontecimento. No exemplo da formação econômico-social dos incas, a estrutura é comunitária, porém, no conteúdo das relações sociais, existe um poder central que controla a produção e seus meios.

Em suma, cremos que o que Godelier propõe, como metodologia, é a construção de leis baseada na lógica oculta dos sistemas sociais, que permita explicar, por um modelo abstrato, as diferentes sociedades e a sua transformação, sem perder de vista que a produção e reprodução da sociedade se dão pelas suas condições materiais de existência, sendo, portanto, o estudo dos modos de produção o caminho adequado para atingir estas leis.

CONCLUSÃO

Godelier dá a possibilidade da aplicação do materialismo histórico no estudo da sociedade primitiva e mostra como somente por este caminho é possível chegar a uma compreensão verdadeira dos mecanismos desta sociedade, da sua transformação e evolução para outros tipos.

Nenhum antropólogo, dos chamados "clássicos", tentou este tipo de explicação. Veja-se, por exemplo os trabalhos de Malinowski, Firth, Herskovits, Leslie White, Morgan ou Lévi-Strauss. Godelier propõe uma Antropologia diferente, com um maior significado, abrindo-lhe novas perspectivas.

Se analisarmos o desenvolvimento do pensamento antropológico, vamos perceber que Godelier faz um rompimento com o passado em ter-

mos de novas proposições sem, no entanto, deixar de considerar a tradição antropológica. O pensamento científico, ao mesmo tempo que parte dos conhecimentos anteriores, deve sofrer uma descontinuidade para ter o caráter inovador. O conhecimento científico cresce à medida que possui o caráter de novidade,²⁶ É este caráter de novidade que está presente em Godelier, com a utilização que ele faz das idéias de Marx para o estudo das sociedades primitivas. O estudo dos modos de produção, a determinação do econômico, através das esferas do parentesco ou das relações político-religiosas, o estudo da passagem da sociedade sem classes para a sociedade de classes são idéias novas que rompem com a Antropologia "clássica", dando a seu desenvolvimento um caráter de descontinuidade.

Por outro lado, o conhecimento anterior não é de todo abandonado por Godelier que se utiliza do estruturalismo, quando propõe um procedimento metodológico às suas idéias.

Resta, agora, aos antropólogos mais inovadores, trazerem contribuições cada vez maiores neste sentido, aumentando o número de trabalhos que tenham a mesma preocupação de Godelier, a fim de que a ciência antropológica possa dar conta da "teoria geral dos sistemas econômicos", tarefa última da Antropologia Econômica."²⁷

NOTAS

- 1 — Quanto ao número de definições, encontramos, entre as leituras que fizemos, uma divergência. No livro "Antropologia: Ciência das Sociedades Primitivas?" Godelier fala em duas definições para a ciência econômica, p. 228, ao passo que no texto "Antropologia Y Economia: ¿es possible la Antropología Económica?" ele apresenta três definições, p. 282. Resolvemos adotar em nosso trabalho as três definições propostas neste último texto, por ser a que melhor exprime as idéias do autor que estamos analisando e também por ser um texto mais recente.
- 2 — Godelier, sem data, p. 319
- 3 — Godelier, idem, p. 333
- 4 — Godelier, 1976 p. 286
- 5 — Veja-se por exemplo a teoria do Valor de Marx, onde ele chega a esclarecer o fetichismo da mercadoria, desmistificando o real aparente.
- 6 — Godelier, 1976 p. 289
- 7 — Ver "conceito de formação econômica e social: o exemplo dos Incas". Godelier in *América Colonial*, 1975.

- 8 — Godelier 1974 a p. 245 (grifo nosso)
- 9 — Godelier, idem p. 249
- 10 — Godelier, 1973 p. 171
- 11 — Especialmente neste capítulo referido na nota anterior
- 12 — Godelier, sem data, p.365
- 13 — Godelier, 1973, p. 171
- 14 — Godelier, idem, p. 164
- 15 — Ver Godelier "Da Não Correspondência Entre Formas e Conteúdos Das Relações Sociais — Nova Reflexão Sobre o Exemplo Dos Incas" in *América Colonial*, 1975.
- 16 — Godelier, 1974 b p. 98
- 17 — Godelier, 1974 a p. 266
- 18 — Godelier, 1974 b p. 302
- 20 — Godelier, 1976 p. 316
- 21 — Godelier, sem data, p. 325
- 22 — Godelier, idem, p. 327
- 23 — Esta articulação entre as diferentes estruturas do sistema econômico lembra-nos as colocações de Marx na "Introdução à Crítica da Economia Política", onde ele também mostra como estes elementos estão ligados uns aos outros, dependendo um de outro para se realizarem; por exemplo, sem produção não há consumo, sem consumo não há produção, todos estão interligados, formando o processo geral da produção.
- 24 — Godelier, 1973, p. 172
- 25 — Godelier, sem data, 384
- 26 — Mirin Limoeiro Cardoso, 1972
- 27 — Godelier, sem data, p. 394

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CARDOSO, Miriam Limoeiro. **O Mito do Método**. Rio de Janeiro, PUC. Coordenação do Ensino de Estatística, 1972.
- 2 — GODELIER, Maurice. "Racionalidade dos Sistemas Econômicos" in **Racionalidade e Irracionalidade na Economia**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, sem data.
- 3 — _____ "Avant-propos" e "Parties Mortes, Idées Vivantes dans la Pensée de Marx sur les Sociétés Primitives: Marxisme et Évolutionnisme" in **Horizon, Trajets Marxistes en Anthropologie**. Maspéro. Paris, 1973.
- 4 — _____ "A Antropologia Econômica" in **Antropologia: Ciências das Sociedades Primitivas?** Edições 70. Lisboa, 1974.
- 5 — _____ "A Noção de "Modo de Produção Asiático" e os Esquemas Marxistas de Evolução das Sociedades" in **O Modo de Produção Asiático**. Seara Nova. Lis-

- boa, 1974.
- 6 — _____ "Conceito de "Formação Econômica e Social : O Exemplo dos Incas". "Da Não-Correspondência entre Formas e Conteúdos das Relações Sociais-Nova Reflexão sobre o Exemplo dos Incas". in **América Colonial — Ensaio** (org. Théó Araújo Santiago) Pallas S.A. Rio de Janeiro, 1975.
- 7 — _____ "Antropología y Economía: Es posible la Antropología Económica? in **Antropología y Economía**. Editorial Anagrama. Barcelona, 1976.
- 8 — LÉVI-STRAUSS, Claude. "A Noção de Estrutura em Etnologia" in **Antropologia Estrutural**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1970.